

PE-073 - PERFIL DE OCORRÊNCIA DE ESPINHA BÍFIDA EM RECÉM-NASCIDOS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE DADOS REGISTRADOS DE 2013 A 2022

Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Natália Camila Smidt¹, Isadora Medeiros de Almeida¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Virgínia Tafas da Nóbrega²

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

Introdução: Este estudo visa examinar a incidência da espinha bífida em recém-nascidos no Brasil, de 2013 a 2022. Essa análise é crucial para direcionar recursos e desenvolver estratégias de intervenção, visando aprimorar a saúde dos afetados por essa malformação congênita. **Objetivo:** Avaliar a tendência temporal da incidência de espinha bífida congênita no Brasil entre 2013 e 2022, por meio dos dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). **Metodologia:** Estudo ecológico observacional em que se utilizou uma análise de série temporal. A revisão foi realizada em uma base de dados de domínio público, o DATASUS, utilizando o programa TabWin. Para analisar os nascidos vivos que apresentaram anomalias congênitas do tipo espinha bífida (CID 10: Q05) foram consideradas as médias anuais do período de 2013 a 2022, buscando dados secundários fornecidos pelo SINASC. **Resultados:** No Brasil, foram notificados 6.546 casos de espinha bífida em recém-nascidos no período observado. O ano de maior número de notificações foi 2016, com 735 registros de nascidos vivos com esse tipo de malformação congênita. A média anual de 2013 a 2015 foi de 610 casos, enquanto no período subsequente de 2016 a 2018 houve um aumento de 17,1%, totalizando 714,33 casos por ano. Já de 2019 a 2022, a média anual diminuiu 10%, totalizando 643,25 casos anuais. A maioria dos pacientes era do sexo masculino, com 51,4%, sendo a minoria feminina com 47,2%. Quanto à distribuição entre os raça/cor: 51% pardos, 38,5% brancos, 6% pretos, 0,8% amarelos e indígenas. Nesse sentido, o peso dos nascidos vivos com maior prevalência foi de 1.500 g a 2.999 g (51%), seguido por 3.000 g ou mais (42,5%) e menores de 1.500 g (6,4%). Durante o período analisado, verificou-se 1.309 óbitos por espinha bífida, com maior predominância em crianças menores de 1 ano (52%). **Conclusão:** A análise detalhada dos casos de espinha bífida em recém-nascidos no Brasil revela variações temporais e demográficas significativas. A prevalência em determinados grupos étnicos e faixas de peso ao nascer ressalta a importância de abordagens personalizadas na saúde materno-infantil. Os óbitos reforçam a urgência de intervenções precoces, portanto a necessidade de alocar recursos e de desenvolver estratégias de manejo dentro da saúde pública. Esses *insights* orientam abordagens futuras para redução da incidência e melhoria dos cuidados.

PE-074 - ANÁLISE DA COBERTURA VACINAL DA BCG EM CRIANÇAS POR REGIÃO DO BRASIL NO PERÍODO ENTRE 2013 E 2022

Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Natália Camila Smidt¹, Isadora Medeiros de Almeida¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Virgínia Tafas da Nóbrega²

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

Introdução: A vacina BCG é destinada a crianças na faixa etária de 0 meses a 4 anos, 11 meses e 29 dias, a fim de prevenir formas graves de tuberculose. Essa análise da cobertura vacinal é crucial para aprimorar estratégias e garantir equidade na imunização, identificando disparidades regionais e direcionando esforços onde necessário. **Objetivos:** Avaliar a tendência temporal da cobertura vacinal da vacina BCG nas regiões do Brasil entre 2013 e 2022, por meio dos dados do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI). **Metodologia:** Estudo ecológico observacional em que se utilizou uma análise de série temporal. A revisão foi realizada em uma base de dados de domínio público, o DATASUS, utilizando o programa TabWin. Para analisar a cobertura vacinal da BCG foram consideradas as médias anuais regionais do período de 2013 a 2022, buscando dados secundários fornecidos pelo SI-PNI. **Resultados:** No Brasil, a cobertura vacinal da BCG em crianças foi de 94,24% no período observado. O ano de maior cobertura foi 2013, com 107,42% de população-alvo vacinada. Já a região brasileira com maior cobertura foi o Centro-Oeste, totalizando 98,45%. Por outro lado, a região do Sudeste apresenta a menor taxa de cobertura, com 92,74%. A média anual de cobertura da vacina BCG de 2013 a 2015 foi de 106,59%, ultrapassando a estimativa de imunizados. No período seguinte, de 2016 a 2018, houve uma diminuição de 8,3%, totalizando 97,75% da população-alvo. Mantendo a mesma tendência, de 2019 a 2022, a cobertura vacinal diminuiu 15,9%, mantendo a porcentagem por volta dos 82,21%. Esses dados mostram que houve uma tendência de redução do número de imunizações da BCG a partir do ano de 2016, sendo ainda mais acentuada a partir de 2019, o que sugere que o movimento antivacina pode ter desempenhado um papel nessa queda, juntamente com os impactos da pandemia de COVID-19. **Conclusão:** A imunização com a vacina BCG parece ter sido particularmente afetada durante a pandemia de COVID-19, evidenciada pela tendência de redução da cobertura vacinal no período de 2020 a 2022. A influência do movimento antivacina, aliada aos desafios impostos pela pandemia, destaca a necessidade de estudos adicionais para compreender melhor o impacto futuro no controle da tuberculose, uma doença que continua a representar um desafio significativo e com prevalência crescente no país.